

*A estética religiosa do  
terror: uma breve análise  
das ferramentas utilizadas  
pelo Estado Islâmico nos  
vídeos de execução*

**Jesner Esequiel dos Santos**

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil.

*E-mail:* jesner.eds@gmail.com

## RESUMO

O desequilíbrio gerado pelos ataques às torres gêmeas em 2001 e a Primavera Árabe em 2011 fizeram com que alguns países do Oriente Médio ficassem vulneráveis ao domínio de grupos terroristas. Um dos últimos grupos a surgir, em meados de 2013, realizou uma drástica mudança estética, transformando os vídeos de execução e suas propagandas em obras cinematográficas, somente vistas em grandes produções. Este artigo pretende apresentar, de forma parcial e introdutória, os resultados de uma pesquisa em andamento que analisa os aspectos audiovisuais dos vídeos de execução, apontando desdobramentos religiosos e sociais, que nos auxiliam na compreensão dos principais motivos que levaram o Estado Islâmico a essa mudança, gerando uma adesão de mais de 30 mil estrangeiros até o ano de 2015.

## PALAVRAS-CHAVE

Estética do terror. Estado Islâmico. Religião.

## INTRODUÇÃO

As disputas territoriais e a busca pelo poder são traços sociais bem conhecidos na história dos países localizados no Oriente Médio, no entanto, após o ataque às torres gêmeas do World Trade Center (2001), houve uma crescente desestabilização em países como o Afeganistão, o Iraque e a Síria, fazendo com que diversos grupos armados surgissem com ideologias e inimigos diferentes. Na época do ataque às torres, o grupo mais conhecido no Ocidente chamava-se Al-Qaeda, cujo líder Osama bin Laden (1957-2011) tornou-se o homem mais procurado do mundo. Esse grupo não era homogêneo, não estava localizado em apenas um local e possuía diversas ramificações, como a Al-Qaeda do Iraque (AQI), que posteriormente contribuiu para o surgimento do Estado Islâmico EL, ou Isis na sigla em inglês.

A ruptura com a AQI fez com que houvesse uma nova maneira teológica de visualizar o *jihad* por parte do Isis, levando o grupo a investir seus recursos na

produção de um material mais sofisticado esteticamente, sempre visando à conquista de seguidores ou gerando um choque emocional para desestabilizar seus possíveis oponentes, para que não oferecessem resistência. O resultado dessas mudanças fez com que mais de 30 mil soldados, de 85 países diferentes, fossem recrutados em um curto período, de 2011 a 2015, conforme dados apontados por Benmelech e Klor (2020, p. 1). Portanto, este texto busca, de maneira introdutória, apontar algumas dessas mudanças audiovisuais e estéticas, visando incentivar o debate interdisciplinar que aponte desdobramentos com a religião e a cultura.

## CONTEXTUALIZAÇÃO

A história do Estado Islâmico está atrelada ao seu principal líder, Abu Bakr al-Baghdadi (1971-2019), um acadêmico iraquiano de origem sunita, possuidor de mestrado e doutorado em estudos islâmicos. Em 2000 ele assume a linha de interpretação mais radical dentro do islamismo, conhecida como salafista, que visa interpretar o Alcorão de maneira literal, buscando seus princípios nos feitos de Maomé e de seus primeiros sucessores. Nesse mesmo ano, ele se une à AQI. Baghdadi é preso pelo Exército norte-americano em 2004, na cidade de Faluja, e enviado para a prisão de Camp Bucca, onde surgiram diversas conexões com outros extremistas, que seriam utilizadas posteriormente.

Há diversos eventos significativos entre sua saída da prisão (2004) e a proclamação do califado mundial (2014). No entanto, podemos ressaltar de forma sucinta que Baghdadi sobe rapidamente na hierarquia da AQI, mudando o nome para Estado Islâmico do Iraque, assumindo o poder pleno em 2010. Após assumir o poder, há imediatamente muitas divergências com os líderes do antigo grupo, que apoiavam os rebeldes sunitas do Free Syrian Army (FSA)<sup>1</sup>, assim como a frente al-Nusra. Essas divergências geram a expulsão desse novo braço da Al-Qaeda, pois consideravam os integrantes do Isis mais violentos e radicais, até mesmo contra outros grupos muçulmanos, caso eles não seguissem a interpretação sunita salafista do Alcorão, além da busca por um califado mundial, algo não tão valorizado por grupos como o Talibã.

Nesse momento da história, em meados de 2013-2014, a guerra civil síria está em seu apogeu, em decorrência da Primavera Árabe, fazendo com que esse país se transforme em um campo fértil para o surgimento de grupos terroristas. Em 2013 Abu Bakr al-Baghdadi lidera o Isis e toma a cidade de Raqqa na Síria e a cidade de Mosul no Iraque, dando início a cinco anos sombrios de poder e

---

1 Grupo civil sírio criado em 2011 na tentativa de derrubar o governo de Bashar al-Assad.

terror. A complexidade desse grupo torna a sua categorização ainda mais difícil, pois não atua apenas no campo religioso, mas também nas esferas militar, política e religiosa, sendo apontado por Boaz Ganor (2015) como “uma organização terrorista híbrida”.

Em meados de 2022, ainda temos a complexidade dos grupos que são ramificações inspiradas no Isis de Raqqa e Mosul, como o Estado Islâmico-Khorasan (o mais conhecido) que atua no Afeganistão e Paquistão, além do grupo Boko Haram que opera na Nigéria. Esses grupos possuem técnicas de tortura e de guerrilha similares ao grupo de Baghdadi, no entanto, não utilizam o requinte estético da mesma maneira. Muitas vezes imitam as roupas e as falas, mas não conseguem reproduzir com a mesma qualidade. Por conta disso, essa breve introdução manterá o foco apenas no primeiro grupo, que deu origem aos demais.

A guerra civil na Síria fez com que a diferença étnica e religiosa fosse ainda mais acentuada, pois o Estado Islâmico aproveitou o caos na região para tentar a conquista de novos territórios. Um fato interessante é que, mesmo o grupo sendo de uma linhagem sunita, ele atacou e matou muitos outros sunitas que participavam do FSA, mas que não seguiam o salafismo. O Isis também luta contra o governo alauíta de Bashar al-Assad, além de impor a *sharia* e cometer atrocidades nos grupos minoritários, trazendo mais um elemento de instabilidade para a população, que está na linha de ação de diversos grupos. Portanto, o perigo, a pobreza e o alto risco de morte sondam os habitantes da Síria e do Iraque por todos os lados, o que leva muitos a se unirem ao Estado Islâmico como única alternativa de subsistência ou buscar a imigração para outros países; é importante lembrar que tal ato é condenado nas áreas já dominadas pelo Isis.

## ANÁLISE AUDIOVISUAL E DESDOBRAMENTOS

No livro *Global movements: action and culture*, de Kevin McDonald (2006), há o relato de como as redes sociais integraram o mundo e, por conta disso, possibilitaram que a guerra fosse divulgada de forma ampla, quase instantaneamente, por soldados e ativistas presentes nos campos de batalha. No entanto, boa parte dessa divulgação é amadora, registrada por celulares com uma baixa qualidade de captação, sem o tratamento ou a edição adequada, e, por isso, os vídeos produzidos são ignorados por muitos no Ocidente.

Nos vídeos de execução dos grupos mais conhecidos, como Al-Qaeda, FSA e Talibã, há o mesmo problema, pois as câmeras gravam em baixa qualidade e o idioma (árabe) limita a abrangência dos vídeos, ficando a cargo dos jornais a tradução ou não do conteúdo, que será divulgado de forma parcial ao público. Não há o choque estético, moral ou religioso quando se veem os vídeos de Osama bin

Laden concedendo entrevistas, apenas sentado e falando sobre seu repúdio ao Ocidente. O Estado Islâmico percebe isso de maneira categórica e altera a dinâmica de suas propagandas, pedidos de resgate e execuções.

Os primeiros vídeos de execução do Estado Islâmico seguem o mesmo caminho amador, porém há uma significativa mudança após a tomada de Raqqa e Mosul. Graeme Wood (2016) aponta uma explicação teológica para que haja uma mudança estética, pois o grupo não busca o domínio de um território, considerado sagrado, ou a expulsão de invasores. De acordo com a interpretação do Alcorão feita pelo grupo, o fim apocalíptico, descrito por Maomé, chegou, e os guerreiros espalhados por todo o mundo devem se levantar em nome do verdadeiro Islã. Portanto, não há mais uma barreira geográfica ou uma nacionalidade defendida, mas a busca indiscriminada por guerreiros de todos os países. Mesmo aqueles que ainda não eram convertidos ao Islã tornam-se um alvo para os recrutadores, pois seriam ensinados, posteriormente, nas escolas localizadas em Raqqa e Mosul.

O intuito de globalizar o *jihad* levou à contratação de profissionais no campo audiovisual, que ficariam responsáveis pela produção de verdadeiras “obras-primas do terror”. Além de conhecerem as técnicas e as produções utilizadas no Ocidente, esses produtores utilizam os jogos mais populares, como Call of Duty, Grand Thelf Auto e Mortal Kombat, como inspiração para gerar um ponto de contato com os jovens que usam tais plataformas de entretenimento. Há um vasto trabalho realizado pelos doutores Cori Dauber e Mark Robinson da Universidade da Carolina do Norte que analisam o uso das cores, os ângulos das câmeras, os efeitos especiais, as artes gráficas e a composição da produção realizada pelo Isis. Esses elementos serão apresentados e discutidos em uma outra oportunidade, porém temos alguns apontamentos audiovisuais para salientar neste artigo.

Nos vídeos de execução, temos dois elementos que se destacaram mais do que os outros, tanto nas redes sociais como nos meios de comunicação. O primeiro elemento está no uso do inglês, muito bem falado e com sotaque britânico, substituindo o árabe, que se mantém apenas nas legendas ou em frases de cunho religioso. O segundo elemento está na relativa calma daqueles que em breve serão executados, como se nada fosse acontecer.

A mudança no idioma, do árabe para o inglês, é feita de maneira proposital, pois facilitou o acesso das pessoas do mundo todo, diminuindo a necessidade de tradutores. O inglês bem falado e com sotaque britânico decorreu do recrutamento de Mohammed Emwazi (1988-2015), mais conhecido como *Jihad John*, que passou boa parte de sua vida em Londres, mas foi aliciado por recrutadores com outros jovens ingleses.

Em relação à calma daqueles que seriam executados, há o relato de que as cenas eram divididas e gravadas por diversas vezes, conforme a fala dos ativistas

que sobreviveram à invasão de Raqqa e produziram o documentário *City of ghosts* (2017). Portanto, a constante gravação das cenas fazia com que os prisioneiros não soubessem quando seriam realmente executados, e, por isso, há calma, ou pelo menos uma suposta tranquilidade atípica para um ato desse porte.

Os diversos métodos de execução também geram um maior interesse no público acostumado com filmes de Hollywood. Por exemplo, temos a exibição de um homem que é libertado no deserto pelo Isis. O homem corre imaginando que encontrará ajuda, porém os explosivos contidos na bolsa que carregava o estilhaçam. Essa cena real foi filmada por *drones* com câmeras de alta resolução. A crueldade é nítida, mas tal ato torna-se rapidamente um “vídeo viral” por pessoas atrás dessa estética ou apenas curiosos. Muitos assistem para repudiar, e outros veem como entretenimento em *sites* especializados nesse tipo de conteúdo ou nos diversos perfis de simpatizantes no Twitter (atual X). Um terceiro grupo vê tais vídeos como uma demonstração de poder e se encanta, o que leva muitos ao recrutamento.

O uniforme laranja utilizado pelos prisioneiros também é um elemento categórico, mas é algo utilizado apenas nas grandes produções/execuções. As mortes de cidadãos sírios ou iraquianos, em sua maior parte, são realizadas sem o *glamour* das superproduções. Outro elemento visual está nas gravações em primeira pessoa, por meio do uso de câmeras GoPro, vastamente utilizadas em esportes radicais e também nos vídeos de Airsoft publicados diariamente no YouTube, trazendo novamente a ideia dos *videogames*. Esses vídeos são tão comuns que, no atentado a uma mesquita na Nova Zelândia, em 2019, muitos usuários das redes sociais pensaram que o vídeo não era real, mas uma encenação, e, por isso, a noção de realidade torna-se um assunto que devemos discutir, pois a similaridade das execuções com os filmes de Hollywood faz com que o impacto da morte, no mundo real, seja minimizado.

As filmagens realizadas pelo Isis não são publicadas sem que antes haja um refinamento estético e a inclusão de elementos que facilitem a assimilação e a compreensão. Um exemplo disso está nos vídeos gravados com *drones*, pois na edição temos a inclusão de gráficos coloridos, sobrepostos aos elementos reais, como o uso de círculos em vermelho, método utilizado por jogos de guerra para apontar os inimigos, enquanto os gráficos na cor verde mostram os soldados do Estado Islâmico, uma técnica também utilizada pelos jogos para mostrar aqueles que são nossos aliados. Portanto, vemos que “muito cuidado está sendo tomado para copiar o jogo em uma série de detalhes que os espectadores não familiarizados com o jogo simplesmente nunca perceberiam ou se importariam” (Dauber *et al.*, 2019, p. 21).

## CONCLUSÃO

Espero que, com base nessa breve introdução ao tema, surja o desejo para que haja um crescimento no apoio das pesquisas interdisciplinares nos campos audiovisual, religioso e cultural. Busco de maneira breve realizar apontamentos iniciais que se propõem a analisar os motivos que fizeram o Isis mudar a estética dos vídeos de execução, ao apelar para o sentimentalismo, utilizar o inglês como forma de vinculação e sempre executar seus prisioneiros após um pedido de resgate financeiro, numa uma estética refinada somente encontrada nos filmes de Hollywood.

Seria essa mudança uma forma de conquistar mais seguidores? Seria a construção de uma nova narrativa nos grupos terroristas árabes ou apenas um refinamento puramente estético? Pretendo encontrar possíveis respostas a esses questionamentos e muitos outros que surgirem em uma próxima oportunidade, sabendo da complexidade do tema, mas nunca desistindo da busca pelo saber e pela construção interdisciplinar de assuntos que serão extremamente beneficiados.

### ***The religious aesthetics of terror: a brief analysis of the tools used by the Islamic State in the execution videos***

#### ABSTRACT

*The imbalance generated by the attacks on the Twin Towers in 2001 and the Arab Spring in 2011 left some countries in the Middle East vulnerable to the rule of terrorist groups. One of the last groups to emerge, in mid-2013, made a drastic aesthetic change, transforming the execution videos and their advertisements into cinematographic works, only seen in major productions. This article intends to present, in a partial and introductory way, the results of an ongoing research that analyzes the audiovisual aspects of the execution videos, pointing out religious and social developments, which help us to understand the main reasons that led the Islamic State to this change, generating a recruitment of more than 30 thousand foreigners by the year 2015.*

#### KEYWORDS

*Aesthetics of terror. Islamic State. Religion.*

## REFERÊNCIAS

BENMELECH, E.; KLOR, E. F. What explains the flow of foreign fighters to ISIS? *Terrorism and Political Violence*, v. 32, n. 7, p. 1458-1481, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/09546553.2018.1482214>.

CITY of ghosts. Direção: Matthew Heineman. Produção: Our Time Projects. Los Angeles: Amazon Studios, 2017.

DAUBER, C. E. *et al.* Call of Duty: Jihad – How the video game motif has migrated downstream from Islamic State propaganda videos. *Perspectives on Terrorism*, v. 13, n. 3, p. 17-31, 2019. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26681906>. Acesso em: 23 mar. 2023.

GANOR, B. Four questions on ISIS: a “trend” analysis of the Islamic State. *Perspectives on Terrorism*, v. 9, n. 3, p. 56-64, 2015.

MCDONALD, K. *Global movements: action and culture*. New Jersey: Blackwell, 2006.

WOOD, G. *A guerra do fim dos tempos*. São Paulo: Companhia das Letras. 2016.